



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita de Estado à França, por ocasião da Data Nacional Francesa

Paris-França, 15 de julho de 2005

Eu quero cumprimentar os meus companheiros firmados sobre a ponte, e que eu espero que a gente não tenha que visitar, nem a Guiana e nem o Amapá para fazer apenas uma pedra fundamental. Nós temos que ir lá para começar a fazer a obra de verdade.

Quero cumprimentar os representantes do governo francês e quero, outra vez, de público, agradecer o carinho, a gentileza com que o governo francês e o povo francês trataram a mim e a minha delegação.

Foi gratificante participar do 14 de Julho, foi gratificante participar do show, uma verdadeira tomada da Bastilha pelos artistas brasileiros, foi gratificante assistir a queima de fogos na torre Eiffel e foi gratificante saber que a França, cada vez mais, desperta interesse pelo Brasil e que os brasileiros despertam interesse pela França.

Alguns assuntos que nós discutimos já estão em franco andamento. A questão do Haiti é uma questão que interessa à França e ao Brasil, e tenho dito ao presidente Chirac que nós só vamos garantir o processo democrático no Haiti quando nós criarmos as condições de o Haiti se desenvolver. Daí ser necessária a ajuda financeira dos países mais ricos para que a gente possa não apenas fazer eleições no Haiti, mas consolidar uma política de recuperação do país, porque senão não haverá democracia que suporte viver com a miséria absoluta que está existindo no Haiti.

Nós somos agradecidos ao presidente Chirac pelo comportamento da França e pela decisão da França, não só de apoiar a reforma no Conselho de Segurança da ONU, mas o apoio firme que tem dado ao Brasil. Somos



agradecidos ao presidente Chirac por ser um parceiro de primeira hora na luta pelo combate à fome. Ele tem participado e a França tem estado representada em todos os eventos que fazemos para discutir formas para que a gente possa conter a fome no mundo.

Acabamos de discutir a necessidade de criarmos as condições de França e Brasil, juntos, criarem um bom grupo de trabalho para que possamos pensar políticas para a África, ou seja, não apenas pensar projetos de desenvolvimento da África, mas pensar no (inaudível), parceiros de outros países ricos que possam contribuir no financiamento de projetos que possam garantir que a África tenha um maior desenvolvimento.

Ditas estas palavras, eu quero dizer que vamos assinar um acordo, como disse o presidente Chirac, uns acordos que falam da questão dos materiais de serviço em nome da aeronáutica militar, a questão dos aviões, a questão da ponte, a questão de tecnologias avançadas na área espacial, na área do biocombustível, ou seja, nós ainda vamos convencer os franceses de que o etanol é a grande saída para um combustível alternativo, queremos que a França seja parceira nossa na questão da produção do biodiesel, afinal de contas, as indústrias automobilísticas francesas estão no Brasil fazendo experiências na construção de motores a biodiesel. E eu acho que o mundo caminha para não ficar dependente de um combustível fóssil, ou seja, nós achamos que o combustível renovável gera mais emprego, gera crédito de carbono para os países pobres, gera mais riqueza e gera mais independência para todos nós.

Nós queremos discutir com a França, fortemente, a questão do biodiesel, a questão do etanol. Todo mundo sabe que Brasil e França são dois países irmãos e que temos uma profunda divergência, não porque perdemos a Copa do Mundo de 98, porque já ganhamos outra depois disso, mas porque a toda hora que nós discutimos a questão do subsídios agrícolas, diziam os franceses o que pensam. E eu digo sempre: os franceses pensam na sua



situação política e econômica. Mas nós, no Brasil, vamos continuar na OMC, fazendo gestão para que a Europa e os Estados Unidos possam fazer concessões para que os países mais pobres tenham o poder de ganhar alguma coisa.

Quando, presidente Chirac, nós ganhamos na OMC a questão do algodão, o maior beneficiado não foi o Brasil, foram alguns países africanos que têm no algodão a sua principal base da economia. Eu penso que um jeito de pagarmos a dívida que uma grande parte da humanidade tem com os países africanos é a gente criar as condições de eles poderem crescer economicamente, em função daquilo que eles podem produzir em agricultura, é uma das coisas importantes para alguns países africanos.

Queria dizer, na verdade repetir, uma coisa que eu disse ontem: eu penso que depois deste ano em que a França permite que o Brasil ocupe as suas esquinas, os seus teatros, as suas praças, as suas lojas, os seus jornais, as suas televisões, neste momento em que a França permite isso, eu queria dizer que a relação entre França e Brasil será outra daqui para a frente.

Eu penso que muito mais do que o interesse do Presidente do Brasil, e muito mais do que o interesse do Presidente da França, porque nós somos passageiros, eu penso que há uma consciência crescente no povo francês e no povo brasileiro de que nós poderemos fazer muito mais se acreditarmos mais nas nossas relações. Ter uma balança comercial de apenas 4 bilhões de dólares é muito pouco para um país do tamanho da França e para um país do tamanho do Brasil.

Eu espero que com a ponte e com os dois parques que vamos fazer do lado da Guiana e do lado do Amapá, lá no Oiapoque, eu espero que muitos turistas de outros países que vêm para a França, que estão preocupados em viajar uma parte do mundo para conhecer a biodiversidade da Amazônia, aí eles vão poder ir à Guiana, e da Guiana atravessar a ponte, que nós pretendemos inaugurar, e vão visitar o Amapá. Ou seja, nós vamos poder



desenvolver essas duas regiões com mais rapidez, com muito mais, eu diria, disposição. Eu estou convencido de que será, para a história da França e para a história do Brasil, um passo extremamente importante essa construção da ponte, porque coloca o Brasil numa fronteira com ligação direta, com 700 quilômetros de fronteira, com um dos países mais importantes da Europa, e coloca um país da Europa numa fronteira com o mais importante país da América do Sul. Portanto, eu acho que juntou a fome com a vontade de comer, basta que a gente tenha a disposição de fazer essas coisas acontecerem.

Acho que o passo que estamos dando é um passo extremamente importante. Eu tenho dito para todos as pessoas que eu posso falar, todos os dias, que o mundo caminha de forma muito rápida, para que a gente não permita que no século XXI a gente cometa os mesmos erros que foram cometidos no século XX. Que a história sirva para permitir que avancemos nas nossas relações. Neste mundo globalizado, neste mundo em que as grandes potências econômicas têm um certo domínio, o Brasil tenta, junto com outros parceiros, criar as condições de uma certa igualdade para discutirmos fóruns multilaterais, como é o caso da construção do G-20, que permite ao Brasil chegar na OMC com um pouco mais de força, um pouco mais de garra e, quem sabe, isso vá sensibilizando os governos dos países mais ricos e daqui a pouco nós estaremos também com uma relação comercial mais equânime, mais justa, para permitir que todos sobrevivam.

Quero dizer, presidente Chirac, que volto, daqui a duas horas ou duas horas e meia, estarei regressando ao Brasil, e volto com a alma feliz de perceber que Brasil e França deram um passo extremamente importante.

Eu não poderia terminar sem agradecer às pessoas que trabalharam para isso, ou seja, as pessoas que se dedicaram do lado francês para que neste ano o Brasil tivesse sucesso, as pessoas que trabalharam do lado brasileiro, o nosso embaixador, o nosso Ministério das Relações Exteriores, o nosso querido Gilberto Gil, que acreditou nisso o tempo inteiro, que ficava



brigando, às vezes, por pouco dinheiro para que a gente pudesse acreditar. Não pense que foi uma decisão fácil trazer os nossos militares aqui porque tudo isso custa pouco dinheiro. Mas o pouco dinheiro, para nós, significa muito. Mas eu fiquei extremamente orgulhoso porque aquela Banda dos Fuzileiros Navais que o senhor viu desfilar ali é uma das melhores do mundo, tem ganho prêmios. É uma pena que seja proibido, em Paris, acrobacias, porque aqueles nossos pilotos são mestres, são motivo de orgulho. Lá em Brasília nós ainda não proibimos, eles passam em cima da nossa cabeça a toda hora. Quando dizem que Deus é brasileiro, nunca aconteceu um acidente, e Deus queira que não aconteça.

Então, eu quero agradecer aos brasileiros que trabalharam para que este ano fosse o que foi. Eu penso que a alegria do povo, estampada na rua, é uma demonstração de que o Oceano Atlântico não nos dividirá, quem sabe ele seja uma extensão da nossa relação humana. E eu penso que é isso, eu penso que o mundo está ficando menor e, portanto, nós temos que ser mais humanos, nós temos que ser mais solidários, nós temos que ser mais generosos e eu acho que a França pode, como consciência política da Europa, ajudar para que mais países acreditem nisso e trabalhem para que a gente possa ajudar aqueles que não tiveram a mesma sorte e que ainda estão vivendo situações de atraso.

Portanto, presidente Chirac, de coração, mais uma vez obrigado pelo tratamento que dedicaram a mim e ao povo brasileiro que tem, esses dias, freqüentado Paris e a França, e aos que vão freqüentar também.

Dito isso, eu só posso dizer: *merci*.

Respostas do Presidente Lula a perguntas de jornalistas franceses



Presidente Lula: Eu penso que o presidente Chirac tem razão. Eu penso que os três dias que nós passamos aqui foram demasiadamente fortes para que vocês tenham dezenas de perguntas a fazer sobre a relação Brasil/França. E dos problemas internos da França, quando eu for embora, o presidente Chirac trata. E dos problemas do Brasil trataremos, com muito prazer, quando chegarmos ao Brasil.

Presidente Lula: Um dado importante é que, na última reunião da OMC, a proposta do G-20 foi considerada boa, com uma boa base para negociação pela Europa e pelos Estados Unidos. De forma que eu acho, primeiro, entender que negociação é uma coisa sempre muito difícil. Eu passei a minha vida negociando quando eu era dirigente sindical e, às vezes, para arrancar 1% no acordo sindical, levava meses, e às vezes a gente não conseguia 1%, conseguia meio por cento.

É normal que cada país defenda o seu interesse, é normal que cada um queira defender a sua estrutura produtiva, nós compreendemos isso, o Brasil também quer defender a nossa, mas é normal também que todos nós estejamos caminhando com passos largos para compreendermos que gestos têm que ser feitos para que a gente possa permitir que participem do mundo econômico, do desenvolvimento, a parte mais pobre do Planeta. Eu penso que o tempo vai se encarregar, nós vamos continuar reivindicando. De repente, vai a França reivindicar uma coisa que o Brasil não quer ceder; de repente, vai o Brasil reivindicar outra que a França não quer ceder e, nessa luta de classes, em algum momento, alguém vai ceder e estará feito o acordo.

Eu estou convencido de que a Rodada de Doha pode trazer avanços enormes para o comércio mundial. Eu sinto que as pessoas estão ficando mais maduras, eu sinto que as pessoas estão ficando mais preparadas, eu sinto que a questão da miséria tem mexido com a cabeça dos governantes. Eu quando



falo que há avanços é porque, primeiro, eu nunca imaginei ir para uma reunião do G-8. Já fui a duas. Eu nunca imaginei que fossem discutir a questão da fome no G-8. Já discutimos duas vezes. Nunca imaginei que em Davos pudessem discutir a questão da fome. Já discutimos duas vezes. Portanto, eu acho que as coisas têm avançado, não com a necessidade que têm os que passam fome no mundo ou com a pressa que eu tenho, mas é uma política de convencimento.

Não existe nenhum ser humano que possa fazer, por decreto, uma decisão e os países a cumpram, ou seja, é uma política de convencimento, e eu acho que nós estamos avançando. E acho que, na questão agrícola, nós vamos avançar, certamente não tanto quanto o Brasil gostaria. Não ficaremos também no patamar dos países mais ricos, vamos ter pequenos avanços e, de ambos os lados, vamos conquistar maiores oportunidades de negócios. É assim que eu vejo, é assim que acredito. Eu poderia não fazer assim, eu poderia voltar para o Brasil e continuar dizendo: “não, porque os países ricos são culpados e não querem ceder”. Ninguém cede nada por ceder. Nós queremos conquistar e estamos trabalhando para conquistar, estamos fazendo as negociações para conquistar. Por isso, estamos juntando os países, fazendo reuniões, discutindo similaridades e concluímos com o G-20, que passa a ter uma força muito grande nas negociações com a OMC.